



## **Espaços de convergência: Telejornalismo e Ciberespaço<sup>1</sup>**

Edna de Mello SILVA<sup>2</sup>  
Universidade Federal do Tocantins, Palmas, TO

### **RESUMO**

O objetivo do artigo é discutir como as características do ciberespaço influenciam o jornalismo televisivo brasileiro, com o intuito de perceber as alterações na rotina de produção de notícias, as implicações na construção dos conteúdos e as relações com os telespectadores. O estudo revela as inovações despertadas pela sociedade em rede e as mudanças conceituais no processo de produção e apresentação das notícias, enfatizando o uso das tecnologias digitais e dos cenários virtuais no telejornalismo.

**PALAVRAS-CHAVE:** ciberespaço; telejornalismo; rotinas produtivas; internet; tecnologias digitais.

O ciberespaço, por meio das configurações em rede, promove uma relação diferenciada entre emissores e receptores, uma vez que cada usuário pode trilhar diferentes caminhos de leitura, apropriando-se do conhecimento de forma autônoma. Entre a mensagem pensada pelo emissor e o que chega ao receptor existem caminhos infindáveis de conexões e saberes compartilhados. O conceito de “navegação” emprestado à Internet refere-se à idéia de que são vários os caminhos possíveis e que cabe ao navegador construir sua própria rota. Nesse sentido, a comunicação em rede propiciada pela Internet torna-se um espaço não só de difusão de conhecimento e informação, mas sobretudo de construção de identidades.

Os veículos de comunicação tiveram que se adaptar à emergência da sociedade em rede. O aumento da velocidade do fluxo de informações, aliado à possibilidade do próprio usuário desenvolver seu próprio conteúdo e acessar o conteúdo de outros

---

<sup>1</sup> Este artigo foi produzido com a contribuição dos pesquisadores do NUPEJOR- Núcleo de Pesquisa e Estudos em Jornalismo e Multimídia(CNPq/UFT), em especial da Profa. Liana Vidigal Rocha. A complementação da pesquisa será publicada no livro “60 Anos de Telejornalismo no Brasil: história, análise e crítica”, organizado por Flávio Porcello, Alfredo Vizeu e Iluska Coutinho, a ser lançado pela Editora Insular em setembro de 2010.

<sup>2</sup> Doutora e Mestre em Ciências da Comunicação pela ECA-USP, jornalista diplomada, professora adjunta do curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Email: prof.ednamello@gmail.com



usuários trouxeram certo receio de que os jornais impressos desaparecessem. Na prática, o que aconteceu foi um remodelamento do jornal tradicional. Contra a ditadura da informação em tempo real e o acesso às várias fontes de informação restou ao jornal a obrigação de aprofundar-se em seus conteúdos, tornando-se mais atrativo visualmente e atento ao perfil de seus consumidores. No rádio e na televisão, as adaptações aos novos tempos foram perpetradas para manter cativa a audiência que cada vez mais se tornava esparsa e fragmentada.

Do mesmo modo, o jornalismo televisivo precisou rever as rotinas de produção para tornar seu noticiário mais ágil e atrativo para um telespectador que já poderia ter visto a notícia, em tempo real, através dos sítios noticiosos. Nesse ínterim, o acesso às fontes de informação, antes restritas a grupos ligados à comunicação, tornou-se acessível a um número maior de pessoas, o que criou para o telejornalismo o desafio de fazer um produto inédito e aprofundado com uma matéria-prima fluida e temporal que é o acontecimento. Para o trabalho do jornalista nas redações dos telejornais, a Internet se torna ao mesmo tempo aliada e concorrente, uma vez que facilita a pesquisa de novas fontes, porém disputa a audiência e por vezes traz dados não confiáveis, o que exige mais atenção na filtragem das notícias.

Por sua vez, com a criação de sítios eletrônicos ligados aos telejornais tornou-se necessária a produção de conteúdos para a TV e para a web que sejam complementares entre si, respeitando-se as características próprias de cada mídia. Nesse sentido, a relação entre o telejornal e seu público, que antes se dava somente no momento da veiculação do jornal, com poucas possibilidades de interação, foi expandida ao ser transposta para o ciberespaço, o que permitiu a participação do telespectador, agora convertido em usuário, em fóruns, chats, enquetes e o acesso a conteúdos multimidiáticos relacionados às notícias apresentadas no telejornal.

É de se considerar que estamos nos referindo ao que Lévy (1999, p.193) sintetiza ao afirmar que o ciberespaço não é uma infra-estrutura *“é uma forma de usar as infra-estruturas existentes e de explorar seus recursos por meio de uma inventividade distribuída e incessante que é indissociavelmente social e técnica”*. Desse modo, o problema que se coloca na pesquisa é saber como o telejornalismo se adaptou frente às necessidades de uma nova realidade de comunicação, na qual os interlocutores podem ser geograficamente distantes, porém conectados em tempo real.

De certa forma, a televisão sempre encurtou distâncias, ao permitir que conteúdos gravados em diversas regiões do país ou do mundo tivessem repercussão em



som e imagem para diversas camadas da sociedade. No entanto, o momento da emissão desse conteúdo se instaura no instante da transmissão, mesmo que se trate de “ao vivo”, o que não possibilita que o receptor interfira no “pacote” que está recebendo pelo televisor.

Há uma mudança estrutural neste contexto com a criação da sociedade em rede. No caso específico do telejornalismo, a migração dos conteúdos dos telejornais para a web trouxe para o telespectador a possibilidade de acessar os conteúdos do telejornal de forma integral ou parcial, em qualquer momento do dia. Há ainda dispositivos que favorecem o acesso de conteúdos específicos relacionados à memória dos acontecimentos (vídeos) e a interação do público (chats, fóruns, enquetes), o que mesmo com as limitações decorrentes do processo aumenta consideravelmente o nível de participação da audiência.

Isto posto, este artigo busca analisar como se deu esse processo, tanto no que se refere à produção dos telejornais (rotina de trabalho dos jornalistas), quanto ao conteúdo (linguagem, inserção de gráficos e animações etc.) e também a relação com o telespectador/usuário. A hipótese inicial é que o ciberespaço transformou o modelo tradicional do telejornalismo e promove uma reorganização do conteúdo informativo do jornalismo televisivo.

### **As rotinas produtivas em debate**

No campo teórico, a pesquisa se fundamenta na perspectiva dos estudos de *newsmaking*, sistematizados por Wolf (2002) e Traquina (2004), que consideram que as rotinas produtivas dos jornais interferem no processo de produção da notícia, na medida em que os jornalistas selecionam alguns fatos para serem noticiados em detrimento de outros e os reorganiza numa lógica interna ao produto jornalístico.

A socióloga Gaye Tuchman (1978, citada por Wolf, 2002; Traquina, 2004; Vizeu Pereira Júnior, 2001;) com a utilização de técnica de observação participante estudou as rotinas de trabalho de jornalistas de uma emissora de televisão (em Seaboard City) e entrevistou um grupo de jornalistas conceituados sobre os critérios que os levavam a determinar quais seriam as notícias a serem divulgadas nos produtos jornalísticos. A pesquisa revelou alguns pontos relevantes sobre a prática jornalística: os meios de comunicação constroem uma agenda e selecionam quais os acontecimentos que irão determinar a discussão pública (efeito *agenda setting*), segundo um conjunto de critérios, operações e instrumentos envolvidos numa rotina produtiva. Além disso, ao



reorganizar os acontecimentos numa ordem hierarquizada de fatos a serem noticiados, segundo o que se convencionou chamar de critérios de noticiabilidade., o trabalho jornalístico tem uma lógica sistematizada, que irá resultar no produto que leitor/telespectador receberá em sua casa.

Os estudos sobre a produção de notícias apontam principalmente sobre o fato de que as escolhas dos profissionais envolvidos no processo de produção de formatos jornalísticos são em parte definidas pela cultura profissional - que pode estar presente em manuais de redação ou circular como experiência profissional no ambiente de trabalho (faro jornalístico, o *feeling*, etc) - e em parte pelas restrições da própria organização do trabalho como espaço dentro do noticiário, tempo da notícia, horário de veiculação do programa etc. Em outras palavras, as notícias são definidas segundo um conjunto de relevância que foi de certa forma pré-estabelecido pelas convenções profissionais da área e pelo processo produtivo de cada meio. Para Vizeu Pereira Júnior (2001) a noticiabilidade está diretamente relacionada com os processos de rotinização e estandarização das práticas produtivas. Diz ele:

“O conjunto de fatores que determina a noticiabilidade dos acontecimentos, por exemplo, os limites rígidos de duração dos telejornais, asseguram a cobertura jornalística diariamente, mas tornam difícil o aprofundamento de muitos aspectos importantes os fatos que viram notícia, que são deixados de lado. A noticiabilidade constitui-se um elemento de distorção involuntária da cobertura informativa dos mass media.” (VIZEU PEREIRA JUNIOR, 2001).

Para Wolf (2002) são as diferentes relações e combinações entre os valores - notícia que irão definir a seleção de um fato/acontecimento. Para o autor, valores-notícia

“são critérios de seleção dos elementos dignos de serem incluídos no produto final, desde o material disponível até a redação.(...) regras práticas que abrangem um corpus de conhecimentos profissionais que, implicitamente, e, muitas vezes, explicitamente, explicam e guiam os procedimentos operativos redatoriais.”

Wolf (2002) destaca ainda que a disponibilidade do material e as características específicas do produto jornalístico podem influenciar muito na escolha do fato a ser noticiado, especialmente no jornalismo televisivo. Segundo o autor (citando Gans, 1979), a avaliação de noticiabilidade de um acontecimento refere-se também ao conteúdo visual, às imagens do fato a ser noticiado, já que a televisão trabalha com o suporte audiovisual. Desta forma, imagens que tenham impacto e que sejam significativas para ilustrar os aspectos do acontecimento ganham relevância na



composição do conteúdo do telejornal. Em contrapartida, a ausência de imagens sobre determinado fato pode também ser um dos elementos definidores do espaço que a notícia terá no noticiário.

O pesquisador Miquel Rodrigo Alsina (2009, p. 178) ao discutir a construção da notícia faz referência às tipificações que Tuchman (1983) propõe para as notícias, classificando-as em leves, duras, de última hora, em desenvolvimento e de sequência. As notícias com necessidade de divulgação mais urgente seriam as duras, de última hora e em desenvolvimento, enquanto que as leves não teriam urgência e seriam de acontecimentos não programados. O autor defende que acima das diferenças ideológicas existentes nos jornais, algumas normais gerais de produção são assumidas pelos informativos. Segundo ele: *“a determinação do acontecimento, as fontes, o trabalho jornalístico em si são elementos de um processo de produção institucionalizado. A mudança radical de alguns desses elementos traria como consequência a alteração do tipo de imprensa.”*

Já Teun Van Dijk (1996) propõe que o discurso jornalístico não deve ser analisado somente através de suas estruturas, mas também pelos processos de produção e dos planos estruturais que subjazem ao texto jornalístico. Para o autor, a produção de notícias pressupõe as atividades e as interações próprias do jornalismo, tanto entre os jornalistas quanto os outros membros da sociedade. Como grande parte do material fonte a que o jornalista tem acesso chega à redação em formato de texto: declarações à imprensa, comunicados, documentos policiais, notícias publicadas em impressos, etc., os acontecimentos já estão codificados discursivamente, causando interferência na produção do discurso jornalístico.

É possível perceber que os telejornais apresentam formatos de notícia mais rígidos que, apesar das inovações tecnológicas serem incorporadas, são mantidos de forma estrutural. No entanto, pode-se constatar em vários momentos a utilização de recursos audiovisuais como animações, charges, quadrinhos e infográficos para dar sustentação às notícias. Apesar de não estarem classificadas como formatos ou gêneros essas ferramentas são cada vez mais incorporadas ao relato discursivo dos telejornais, aliados aos recursos cênicos da tecnologia digital.



## O ciberespaço e a internet: do conceito à caracterização

De acordo com Pierre Lévy (1999, p. 92), “a palavra ciberespaço foi criada em 1984 por William Gibson no romance de ficção científica *Neuromancer*”. Na obra, o autor utiliza o termo para definir o “universo das redes digitais”. Já Lévy explica ciberespaço como “o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores” (1999, p. 92).

Essa definição inclui o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos (aí incluídos os conjuntos de redes hertzianas e telefônicas clássicas), na medida em que transmitem informações provenientes de fontes digitais ou destinadas à digitalização. Insisto na codificação digital, pois ela condiciona o caráter plástico, fluido, calculável com precisão tratável em tempo real, hipertextual, interativo e, resumindo, virtual da informação que é, parece-me, a marca distintiva do ciberespaço. (LÉVY, 1999, p. 92-93)

Seguindo ainda as ideias do autor, o ciberespaço tem a capacidade de colocar em ações associadas e coordenadas “dispositivos de criação de informação, de gravação, de comunicação e de simulação” (1999, p. 93). Portanto, o ciberespaço pode ser entendido como o espaço no qual as tecnologias convergem e que é utilizado em favor da comunicação composta por informações fornecidas pelos seres humanos.

O ciberespaço é o mais novo local de “*disponibilização*” de informações possibilitado pelas novas tecnologias. Uma nova mídia que absorve todas as outras e oferece recursos inimagináveis, há algumas décadas. Trata-se de um espaço que ainda não se conhece completamente, cheio de desafios e incertezas, tanto na sua práxis, quanto em suas formulações filosófico e teóricas.<sup>3</sup>

Para Lemos e Lévy (2010, p.78) o ciberespaço possibilita uma mudança no modelo de mediação, pois instaura a criação de uma mediação coletiva. Dizem eles:

Customização, escolha, distribuição livre, produção além do controle do pólo de emissão - características das diversas ferramentas e sistemas do ciberespaço - serão fundamentais na constituição da ciberdemocracia. (...) Nesses sistemas são os internautas que produzem, que votam pela criação da “*home page*” que banem o que interessante ou pertinente.

<sup>3</sup> MONTEIRO, Silvana Drumond. *O Ciberespaço: o termo, a definição e o conceito*. DataGramZero - Revista de Ciência da Informação - v.8 n.3 Jun/07. Disponível em: [http://dgz.org.br/jun07/Art\\_03.htm](http://dgz.org.br/jun07/Art_03.htm) Acessado em 09 de julho de 2010.

Fragoso (2000, p.4) defende que o termo ciberespaço é apropriado para “denominar o conjunto das informações que transitam nos servidores e terminais conectados à Internet”, e que o percurso de uma página para outra pode ser percebido como um de deslocamento no ciberespaço. Para a autora, quando o usuário seleciona um *link* inicia a transição e se desloca por caminhos que ligam os diferentes elementos da World Wide Web. Segundo Fragoso, “ao final de cada sessão no ciberespaço (os usuários) levam consigo uma impressão da estrutura espacial sinalizada pelos caminhos percorridos”.

Segundo J. B. Pinho (2003, 49), a internet é uma “ferramenta de comunicação bastante distinta dos meios de comunicação tradicionais – televisão, rádio, cinema, jornal e revista”. E por esse motivo possui características peculiares que a diferenciam como instrumento de informação. São elas: a) fisiologia: a leitura de conteúdo na tela do computador é mais cansativa que no suporte papel; b) não-linearidade: as estruturas de informação nos sites não implicam em uma sequência pré-determinada, não há um único caminho a ser seguido; c) dirigibilidade: a informação pode ser dirigida para o público-alvo sem a necessidade de se utilizar determinados filtros; d) qualificação: público jovem e qualificado, com alto nível de instrução<sup>4</sup>; e) instantaneidade: a velocidade da internet faz com que as notícias sejam publicadas de forma mais rápida, permitindo a transferência de som, cor e movimento para qualquer parte do mundo em questão de segundo; f) os custos de produção e de veiculação: em relação a outros veículos de comunicação (televisão e jornal, por exemplo), “a internet é pouco dispendiosa”; g) acessibilidade: o usuário pode acessar um site a qualquer hora do dia; h) interatividade: o internauta pode interferir na informação, auxiliar na construção do conteúdo e interagir com diferentes pessoas ao mesmo tempo; i) pessoalidade: diretamente ligada à interatividade, esta característica prevê uma comunicação não somente pessoal como também interpessoal e j) recepção ativa: ao contrário do rádio e da TV, a audiência na internet precisa “buscar a informação de maneira mais ativa” (PINHO, 2003, 50).

---

<sup>4</sup> Na época em que o autor escreveu o livro, esta característica se aplicava bem à internet. Contudo, com o passar dos anos, o que se viu, foi a presença do computador e da internet no cotidiano das classes menos favorecidas. Além disso, programas de inclusão digital foram criados no Brasil, permitindo que um maior número de pessoas tivessem acesso às tecnologias.



A Internet trouxe um novo desafio para as mídias existentes até então. De uma certa maneira, ela é capaz de reunir as características de todos os seus predecessores, juntando som, imagem em movimento e texto escrito. Com a vantagem de ser muito mais ágil que os outros veículos – com exceção, talvez, do rádio; poder fornecer informação sob demanda – isto é, na hora requerida pelo usuário/cliente, sem depender de uma grade de horário; e ter um espaço virtualmente ilimitado.<sup>5</sup>

As características do jornalismo na internet aparecem, majoritariamente, como potencialização e não como ruptura. No entanto, a ruptura se dá no momento em que a internet não apresenta limites, nem de tempo e nem de espaço. Um dos grandes diferenciais da internet em relação aos demais veículos de comunicação é a informação em tempo real. Entretanto, por ser atualizado constantemente, um site de notícias pode oferecer ao usuário muito mais conteúdo do que ele é capaz de assimilar.

### **As rotinas do telejornalismo no cenário das tecnologias digitais**

As tecnologias digitais trouxeram uma grande mudança para a rotina produtiva do jornalismo. Além de facilitar a circulação da informação, bem como o acesso e a conexão entre pessoas de todo planeta, a internet é um importante instrumento de pesquisa para o jornalismo.

Sítios de notícias, portais ligados ao poder público e mesmo as redes sociais são fontes de informação privilegiadas, desde que se tenha o cuidado de filtrar os dados obtidos e seja possível identificar se as fontes são confiáveis. Os produtores dos telejornais fazem suas pesquisas, leituras dos jornais e acessam os conteúdos das agências de notícias para elencar quais assuntos em circulação no dia que serão interessantes para o público do telejornal:

(...) a internet é um meio muito útil de buscar esses assuntos. São muitos os sites de notícias em tempo real ou não, brasileiros ou não. O produtor que chegou cedo avalia os temas em destaque nos sites principais e se dedica então, ao momento-chave do seu trabalho.” (BONNER, 2009, p.70).

Sem dúvida, uma das grandes mudanças nas rotinas produtivas do jornalismo televisivo foi trazida pela edição não linear. Para Paternostro (2006, p. 65) a rotina da equipe de jornalismo, introduzida na década de 1970, quando o telejornalismo deixou

---

<sup>5</sup> VIANA, Eduardo de Carvalho. *Para um Manual de Redação do Jornalismo On-line*. Monografia apresentada à Faculdade de Comunicação Social da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, para conclusão do Curso de Pós-Graduação em Jornalismo Cultural. Rio de Janeiro, outubro de 2001.



de trabalhar com filme e passou a adotar o videotape foi uma revolução nos padrões da época. Agora, todo o trabalho está sendo revisto: padrões de enquadramento, cor, iluminação, ângulos, captação de áudio, vivem a adaptação ao formato digital:

Assim que uma equipe de telejornalismo chega na emissora, o editor faz a captura (ou ingest) do material bruto em um servidor, o novo sistema de armazenamento de som e imagem. Esse sistema, de memória poderosa, o permite a edição daquela matéria por vários editores simultaneamente. Cada um, em seu *wokspace*, ou estação de trabalho, faz a edição mais conveniente, utilizando o mesmo material bruto (áudio e vídeo) armazenado no servidor. Agilidade, rapidez e qualidade: conquistas do telejornalismo.

A edição não linear também possibilita que sejam agregadas informações visuais às notícias, de forma a oferecer mais clareza aos dados mais difíceis de serem entendidos por grande parte da população. Essa operação exige uma sintonia entre os vários profissionais envolvidos no processo: o editor de texto, o editor de imagem e o editor de arte. A sintonia entre a equipe e o domínio da técnica são exigências formais do telejornalismo praticado atualmente.

O aparato tecnológico utilizado no processo de edição não linear digital dos telejornais mostra, mais claramente, a relação de dependência que há entre a utilização da técnica pelos editores de texto como também os recursos de infra-estrutura necessários para a realização do trabalho, que é a tecnologia digital utilizada, pelos editores de arte, para tratamento e criação de imagens que os editores vão usar para cobrir as matérias de um telejornal. (CABRAL, 2008, p.10)

No âmbito da produção das reportagens e cobertura dos acontecimentos, os equipamentos digitais oferecem uma mobilidade maior para repórteres e cinegrafistas, em virtude de serem portáteis e dispensarem o uso de fitas para gravação das imagens. A transmissão das informações pode ser feita de forma mais rápida, exigindo apenas uma conexão com a Internet. Para Bonner (2009, p. 38) o desenvolvimento das tecnologias de comunicação e transmissão trouxe mobilidade à estrutura do jornalismo da Globo no exterior:

Com equipamentos de dimensões reduzidas, um repórter consegue enviar material diretamente para a Globo, sem a necessidade de reservar um canal de satélite. Ele grava o material com uma câmera comum, transfere o material para um *notebook*, edita a reportagem digitalmente e a transmite, comprimida, num arquivo digital pela internet. É o que chamamos, internamente, de ‘kit correspondente’.

O avanço tecnológico nos equipamentos de gravação de imagem e som, aliado à conexão pela Internet propiciam maior dinamismo às notícias do jornalismo televisivo. Para Del Bianco (2004, p.144) afirma que as mudanças impulsionadas pelas tecnologias irão influenciar o jornalismo e a forma de circulação da informação:

Diante das mutações em curso é legítimo afirmar que os aspectos centrais do paradigma jornalístico estão conquistando uma nova referencialidade baseada nos valores culturais da sociedade da informação, na qual a matéria prima e força motriz do sistema produtivo é a informação; onde as redes informatizadas são instrumentos de comunicação e ferramentas organizativas fundamentais, cujos efeitos atravessam e moldam todas as esferas da atividade humana; onde predomina a lógica da flexibilidade nos sistemas técnicos e organizacionais de modo a contribuir para sua integração e convergência mundial numa estrutura de comunicação em rede digital, interativa capaz de disponibilizar informação em grande escala e alta velocidade.

### **Novos cenários do telejornalismo**

Em 2010, a maioria dos telejornais da TV aberta lançou seus novos cenários. Como elemento comum, os cenários dos telejornais registram a presença de suas redações com os profissionais trabalhando em ambiente contíguo, como fundo de cena ou como parte do cenário, além da presença de várias telas distribuídas pelo espaço de apresentação do telejornal.



**Figura 1- Jornal do SBT**



**Figura 2- Jornal da Cultura**



**Figura 3- Jornal Hoje**

No telejornal “Jornal do SBT”, apresentado por Ana Paula Nicolau e Carlos Nascimento, a transição da redação para o espaço cênico da apresentação do telejornal é mais marcante, pois durante a escalada os destaques da edição são mostrados da redação e em seguida, os apresentadores se dirigem para o ambiente do cenário, andando lentamente, e transpõem uma porta que dá acesso ao espaço da apresentação do telejornal. O cenário rodeado de paredes de vidro transparentes deixa ver ao fundo a

redação do telejornal, com a movimentação comum dos profissionais e ao mesmo tempo empresta um tom solene ao momento da transmissão do telejornal em virtude da presença da bancada e do cenário futurista (fig.1). A mesma tendência é seguida pelo telejornal “Jornal da Cultura”, exibido pela TV Cultura de São Paulo (fig. 2).

Por sua vez, no telejornal “Jornal Hoje”, exibido na Rede Globo de Televisão, por Sandra Annenberg e Evaristo Costa, no início da tarde, o cenário é composto por uma bancada, com uma tela centralizada entre os dois apresentadores, tendo ao fundo a redação do telejornal (fig.3). É interessante perceber as várias telas enfileiradas que trazem a referência dos computadores e da presença da sociedade em rede no cotidiano da produção dos telejornais.

A tendência de apresentar o telejornal tendo ao fundo o cenário da redação, não é nova. O telejornal “Jornal Nacional”, em 2000, introduziu o novo cenário, construindo especialmente num mezanino dentro da redação. Desde então, a idéia de manter o cenário do telejornal como elemento integrante da redação vem sendo atualizada e absorvida nas produções de jornalismo televisivo.

### **A tela como personagem**



**Figuras 4 e 5 - Programa Fantástico (tela interativa) - edição de 03/08/2008**

Na comemoração dos 35 anos do programa Fantástico (em 2008), a Rede Globo de Televisão apresentou uma tecnologia inovadora, uma tela digital interativa incluída no cenário, na qual os apresentadores Zeca Camargo e Patrícia Poeta poderiam “arrastar e clicar” para ter acesso a diversas informações do telejornal (figs. 4 e 5).

A novidade da tela era possibilitar o toque da mão direto na tela (touch screen) sem o uso de outras ferramentas. A utilização desse recurso (idealizado por Jeffrey Han)

trazia uma associação maior com a linguagem da Internet. Hoje esta tecnologia é bastante comum, presente também nos celulares, caixas eletrônicos de banco, etc. Na época, a utilização do recurso trouxe o conceito de interatividade experimentado somente alguns usuários de tecnologias de informática para o telejornal, representando uma inovação para a apresentação das notícias, muito embora não interferisse diretamente no conteúdo informativo.

Nas mais recentes edições do programa Fantástico, os recursos da tela digital interativa têm sido pouco explorados. Ao invés dela, têm sido dada preferência a entradas ao vivo de repórteres e correspondentes dando mais atualidade ao telejornal.

Os grandes monitores (telas) estão presentes na maioria dos telejornais. Integrantes do cenário, elas funcionam como interlocutores dos diálogos entre os apresentadores no estúdio e o mundo externo. A tela funciona como uma passagem para o mundo virtual, ora trazendo realidades distantes geograficamente, ora reproduzindo realidades em tempos diferenciados, numa instância de representação de simultaneidade e imediatismo.

Nas edições do telejornal “Bom dia Brasil” da Rede Globo de Televisão, o cenário é formado por três poltronas - que reproduz a informalidade de uma sala de estar -, e uma grande tela de TV (monitor). Neste espaço os apresentadores se revezam em diálogos com convidados presenciais, como os comentaristas econômicos e esportivos, e com convidados virtuais, links com os apresentadores do estúdio de São Paulo e repórteres que estão na rua, no Brasil ou no exterior (fig.6).

No telejornal “Jornal da Cultura” exibido pela TV Cultura de São Paulo, o novo cenário, inaugurado em março de 2010, também traz uma grande tela (monitor) com a qual a terceira apresentadora interage, posicionando-se em pé ao lado dela e dirigindo seu olhar para ela, como se a tela fosse uma interlocutora do processo de informação (fig.7).



Fig. 6- "Bom dia Brasil" - 22/06/2010



Fig. 7 - "Jornal da Cultura" - 26/03/2010



Os monitores de certa forma sempre estiveram presentes nos telejornais, porém seu uso era operacional, pois serviam para que os apresentadores tivessem visibilidade sobre o andamento dos VTs e intervalos comerciais para darem seqüência ao telejornal. Esses monitores não eram visíveis para o público, e constituam um recurso técnico que garantia a qualidade do produto televisivo.

A marcante presença de grandes telas (monitores) integrando os cenários dos telejornais são fortes indicadores da influência do ciberespaço na linguagem televisiva. As telas, interativas ou não, funcionam como “portais” que dão acesso à informações em espaços e tempos diferenciados, além de trazer ao telejornal um atributo de inovação tecnológica e contemporaneidade.

### **Da televisão para a Internet**

Os principais telejornais brasileiros não só possuem conteúdos disponíveis na Internet como fazem uso das propriedades do meio. Portais ligados às emissoras de televisão fornecem informações sobre a programação, detalhes dos bastidores de programas, entrevistas exclusivas com seus artistas e versões integrais ou em partes, das reportagens apresentadas nos telejornais no formato multimídia.

O conteúdo e a forma de apresentação das notícias variam em cada portal, mas em comum há a preocupação de criar um canal de comunicação e interatividade entre os telespectadores que também navegam pela Internet. Para Médola (2006, p. 185), a recepção de produtos audiovisuais disponibilizados pelo Globo Media Center (objeto de análise de uma de suas pesquisas) só é possível para um público que seja ao mesmo tempo usuário do serviço de internet e telespectador:

Um enunciatário que sincretiza, portanto, três papéis quando em contato com a proposta de televisão na web: Internauta, porque é preciso estabelecer conexão com a rede, usuário, porque vai se servir de um catálogo disponibilizado e telespectador, porque esse acesso é motivado por modalizações provenientes da experiência vivida previamente como telespectador.

O diferencial da presença dos telejornais na Internet é a possibilidade de oferecer ao telespectador a oportunidade de ter uma parcela de participação no telejornal. Por meio de chats, fóruns, enquetes e salas de bate-papo, os telespectadores convertidos em usuários e internautas podem enviar perguntas, sugestões, emitir opiniões e estabelecer uma relação mais próxima com os produtores e convidados dos telejornais. Por sua vez, a equipe responsável pelo telejornal pode conhecer mais de perto o seu público e



perceber quais são suas preferências, o que pode favorecer a busca pela qualidade e audiência do programa televisivo.

Nos últimos tempos, têm aumentando também a inserção nos telejornais de imagens gravadas por telespectadores, geralmente flagrantes que registram acontecimentos de repercussão e interesse do público, ou em virtude do número de pessoas atingidas pelo fenômeno ou pelo caráter de excepcionalidade da ocorrência (fait divers). Essas imagens, muitas vezes captadas por câmeras de telefones celulares, demonstram que parte da população já está familiarizada com os recursos de gravação e edição de imagens, o que pode constituir um sinalizador importante do advento do ciberespaço. Os telejornais incentivam a participação dos telespectadores, solicitando o envio de imagens e gravações de acontecimentos através de seus sítios, que possuem um *link* próprio para este fim.

O desafio do telejornalismo é tornar-se um produto diferenciado dentre os vários formatos informativos que estão disponíveis para o público da atualidade. A produção de conteúdos que valorizem a matéria-prima do jornalismo, a informação, em diferentes suportes, tem sido um desafio para os profissionais da área. Para a televisão, acostumada a emitir seus produtos de forma massiva, na relação de um para todos, a necessidade de se redesenhar é emergente, pois o paradigma em vigência mudou.

A emergência do ciberespaço motiva o telejornalismo a se redescobrir e continuar sua história de tradição de 60 anos de experiência, sendo o principal meio de informação da população brasileira. Nada parece difícil para um gênero que não perde uma oportunidade de se renovar.

## REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Marialva; RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Telejornalismo na Globo: vestígios, narrativa e temporalidade. In: BRITTOS, Valério Cruz; BOLAÑO, César Ricardo Siqueira. **Rede Globo: 40 anos de poder e hegemonia**. São Paulo: Paulus, 2005.
- BONNER, William. *Jornal Nacional: Modo de fazer*. Rio de Janeiro: Memória Globo, Editora Globo, 2009.
- DEL BIANCO, Nélia R. **A Internet como fator de mudança no jornalismo**. Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. São Paulo – Volume XXVII, nº 1, janeiro/junho de 2004
- FRAGOSO, S. Espaço, Ciberespaço, Hiperespaço. **Textos de Comunicação e Cultura**, n. 42, UFBA, 2000, p. 7 - 12. Disponível em <http://www.midiasdigitais.org/wp-content/uploads/2008/06/hiperespaço.pdf> Acesso em 09 abr 2010.
- LEMONS, André; LÉVY, Pierre. **O futuro da Internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária**. São Paulo: Paulus, 2010.



- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- MÉDOLA, Ana Sílvia Lopes Davi. Globo Media Center: televisão e Internet em processo de convergência midiática. In: LEMOS, André; BERGER, Christa; BARBOSA, Marialva. **Livro da XIV Compós - 2005: Narrativas midiáticas contemporâneas**. Porto Alegre: Sulina, 2006.
- MEMÓRIA GLOBO. São Paulo Já. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0.27723.GYN0-5273-237570.00.html> . Acesso em 24/mai/2010.
- MONTEIRO, Silvana Drumond. **O Ciberespaço: o termo, a definição e o conceito**. DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação - v.8 n.3 Jun/07. Disponível em: [http://dgz.org.br/jun07/Art\\_03.htm](http://dgz.org.br/jun07/Art_03.htm) Acessado em 09 jul 2010.
- MUSSO, Pierre. Ciberespaço, figura reticular da utopia tecnológica. In: MORAES, Denis de (org.). **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.
- PALÁCIOS, Marcos; RIBAS, Beatriz. **Manual de laboratório de jornalismo na Internet**. Salvador: EDUFBA, 2007.
- PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV: manual de telejornalismo**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.
- PICCININ, Fabiana. O Telejornal de “intermezzo”: Questões sobre a TV e o Jornalismo em transição. SBPJor - Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo. Universidade Federal de Sergipe – 15 a 17 de novembro de 2007.
- PINHO, J.B. **Jornalismo na Internet: planejamento e produção da informação on-line**. São Paulo: Summus, 2003.
- RODRIGO ALSINA, Miquel. **A construção da notícia**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.
- RODRIGUES, Carla. *Pós-modernos no ciberespaço – seriam os novos apocalípticos desintegrados?* ALCEU - v.3 - n.6 - p.53 a 64 - jan./jun. 2003.
- SEMINÁRIO DE TÉCNICA DE JORNALISMO, 1, [197-], Rio de Janeiro. **I Seminário de Técnica de Jornalismo**. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Imprensa, [197-] (Coleção Comunicação Hoje – v. 1. Ed.: Mário da Cunha).
- SOUZA, Cláudio Mello. **15 anos de história Rede Globo**. Rio de Janeiro: s.n., 1984.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**. Florianópolis: Unsular, 2004.
- VAN DIJK, Teun A . **La noticia como discurso: comprensión, estructura y producción de la información**. Barcelona: Paidós, 1996.
- VIZEU PEREIRA JÚNIOR, Alfredo Eurico. **Decidindo o que é notícia: os bastidores do telejornalismo**.
- VILCHES, Lorenzo. **Migrações digitais**. São Paulo: Loyola, 2003.
- WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Presença, 2002.

Sítios eletrônicos:

<http://g1.globo.com/jornal-hoje/>

<http://videos.band.com.br/>

<http://videos.r7.com/>

<http://www.tvcultura.com.br/jornalismo>